

Título	Os Escritos sobre Nietzsche de G. Colli. Sobre Giorgio Colli, <i>Escritos sobre Nietzsche</i> . Relógio D'Água, Lisboa, 2000 (Tradução e Prefácio de Maria Filomena Molder)
Autor	Rui Magalhães
Keywords	Nietzsche, Colli
Origem	Publicado originalmente em <i>Ciberkiosk</i> , 2000
Referência	http://sweet.ua.pt/~f660/docs/Colli.pdf

O presente livro de G. Colli é constituído pelo conjunto de introduções que escreveu para os diversos volumes da Obra Completa de Nietzsche que, juntamente com M. Montinari, organizou e que, até hoje, faz autoridade.

Sabe-se que os textos de Nietzsche sofreram deturpações e adulterações constantes desde as produzidas deliberadamente pela sua irmã, até às inenarráveis aventuras sofridas pelos seus escritos póstumos. É hoje, igualmente sabido que sem uma aproximação adequada a esses escritos, o pensamento de Nietzsche permanece, a muitos títulos, dificilmente perceptível na sua integralidade e, mesmo, essencialidade.

A importância incontornável de G. Colli reside, entre outros aspectos, neste esforço de nos apresentar um Nietzsche autêntico, isto é, de nos facultar as bases textuais que possibilitam uma leitura adequadamente fundada. Colli, como refere Filomena Molder na Introdução, efectuou este trabalho – como não podia deixar de ser – mergulhando profundamente no oceano nietzschiano. O seu trabalho, sendo académico é, simultaneamente, não académico, ou académico no seu melhor (e cada vez mais raro) sentido. É, podemos dizê-lo sem receio, um trabalho de paixão.

A leitura destes textos de Colli é, pois, a todos os títulos, instrutiva e só nos poderemos acercar deles se formos capazes de, em alguma medida, repetir o acto de paixão do seu autor. Essa é, creio, a condição para a sua compreensão.

Sem esboçar teorizações excessivas, Colli coloca-nos perante um diálogo de almas no qual se visualiza o imenso abismo que é preciso penetrar se queremos compreender o que Nietzsche disse e as infinitas dificuldades que, inevitavelmente, teve para o fazer.

Se há autor que jamais compreenderemos se pusermos de parte a sua vida, esse autor é Nietzsche. No entanto, a vida de Nietzsche não esclarece o seu pensamento no sentido de ser em elemento de certo modo exterior que nos forneceria elementos para a decifração do texto. A vida de Nietzsche e o pensamento de Nietzsche são uma e a mesma coisa, são dois modos absolutamente indiscerníveis.

Ora, G. Colli compreendeu isto na perfeição e nestes textos somos confrontados com um vai-vem constante entre a vida e o pensamento, num esforço gigantesco de apreender a sua unidade (por mais fragmentada que seja). Não se trata, como é óbvio, de uma vida meramente factual, mas de uma vida intensiva em que cada acontecimento tem um equivalente textual (que não podemos interpretar como mera consequência). Esta relação absolutamente *sui generis* entre o pensamento e a vida (de que poderemos encontrar um outro exemplo em Benjamin) constitui uma dificuldade mais a acrescentar a todas as dificuldades do pensamento de Nietzsche.

Filomena Molder aproxima-se do núcleo duro dessa dificuldade quando reconhece a Nietzsche um lugar único: por ser “a representação trágica do mundo moderno” e “porque tendo sabido surpreender a verdade, não soube demonstrá-la” (p. viii). Ora, se no primeiro aspecto podemos reconhecer elementos do que seria uma leitura benjaminiana de Nietzsche, no segundo toca-se a autêntica ordem problemática deste pensamento. Todavia, cabe perguntar se esta separação entre a visão da verdade e a sua demonstração não será algo que não apenas tomba na exterioridade da questão de Nietzsche como é mesmo bem pouco nietzschiana. Não será algo de semelhante que está na base de muitos dos movimentos de “recuperação” de Nietzsche? É que desligando a contemplação da verdade da ordem da sua manifestação abre-se a possibilidade de interpretar a própria imagem da verdade. Foi isso, no essencial, que foi feito, por exemplo, pelas leituras kantianas de Nietzsche. Se “todos crêem compreender Nietzsche”, isso acontece por duas razões: ou porque Nietzsche usa imagens que, de algum modo, fazem parte, apesar de tudo, do nosso senso comum, ou porque, de algum modo, opostamente, efectuamos um trabalho de redução do seu pensamento a algum tipo de pensamento outro. Assim, a leitura que faz de Nietzsche um apologista de uma vontade de poder psicológica com incidências políticas e a leitura kantiana não constituem atitudes essencialmente diferentes. Ambas reduzem Nietzsche, ambas o interpretam, ambas o tornam legível. E a ilegibilidade de Nietzsche é um dos elementos essenciais do seu pensamento. Contra todas as aparências, Nietzsche é um dos filósofos mais ilegíveis de toda a história da filosofia. E não podemos vencer essa ilegibilidade sem anular o que Nietzsche realmente disse, sendo que o que Nietzsche realmente disse é, obviamente, distinto do que ele, no momento psicológico da enunciação, eventualmente quis dizer.

O querer dizer é situado, ou pelo menos, muito mais situado do que aquilo que um escritor de génio efectivamente diz. Esta tarefa hermenêutica não constitui,

propriamente, uma interpretação no sentido de apreensão de um sentido que estaria fatalmente presente, mas inacessível; é, de certo modo, o contrário disso: a compreensão do que é dito, incluindo as condições de génese do dito contra o modo como é dito.

Com Nietzsche é todo o sistema tradicional de pensamento que se manifesta na sua mais íntima debilidade e, simultaneamente, no seu mais profundo totalitarismo. A radicalidade nietzschiana não se resume, todavia, àquilo que ele pensou e escreveu, mas centra-se no modo como o fez e na exigência que nos faz de uma leitura diferente, de uma diferente atitude de pensar e perante o pensar. Esta exigência de pensar diferente – às vezes mesmo contra o próprio Nietzsche – constitui uma das dimensões essenciais da sua radicalidade crítica.

O problema da leitura de Nietzsche está na natureza dos seus conceitos e no modo como os utiliza para destruir todas as formas de identidade. Em Nietzsche, o conceito não sintetiza, não solidifica, mas abre pluralidades.

Este trabalho de destruição exige, no entanto, a utilização de novos conceitos que se opõem aos vigentes segundo uma lógica distinta daquela segundo a qual também os conceitos vigentes se opõem entre si. Não podemos, pois, ler estes novos conceitos produzidos pela escrita nietzschiana do mesmo modo que lemos os conceitos com que habitualmente pensamos. Eles não se limitam a ocupar um lugar, a desempenhar uma função pré-determinada no interior de uma economia de sentido, mas rompem com essa economia.

Esta radicalidade manifesta-se, desde logo, no modo profundamente suspeito como Nietzsche olha a filosofia, sublinhando o aleatório das teorias ou o seu fundamento impensado (cf. *Para Além do Bem e do Mal*, §§ 20 e 289).

Nietzsche ataca a noção central da metafísica, a verdade, desmontando a identidade conceito/essência e denunciando o mal fundado do conceito, enquanto essa fundamentação é entendida em termos lógicos. Não podemos esquecer (mas deveremos aprender a ler) o § 110 de *A Gaia Ciência* onde afirma que "o intelecto sempre engendrou apenas erros".

É importante sublinhar que a superfície da obra nietzschiana nos revela um Nietzsche mais interessado pelo conhecimento do que pela metafísica. Toda a sua crítica à metafísica é efectuada pela via da crítica do conhecimento e da moral – dimensões indeligiáveis segundo a concepção platónica. A importância deste facto reside no carácter concreto quer do conhecimento quer da moral, na sua ligação à vida. Lembremo-nos de que todas as fórmulas que, em Nietzsche, podem ser consideradas

como fazendo parte da sua "metafísica" são intrinsecamente ligadas à vida, como é o caso da "vontade de poder", do "super-homem" ou mesmo do "eterno retorno". Nietzsche critica as ideias, antes de tudo, por serem ideias. Porque, no seu tempo, não havia outro modo de pensar as ideias que não fosse um modo metafísico. Eis porque o pensamento de Nietzsche pode parecer, em alguns casos, um pragmatismo quase ingênuo. De facto, não se trata de ingenuidade mas de uma verdadeira impossibilidade de pensar as ideias e o teórico em geral fora dos modelos metafísicos, o que acarreta o desenvolvimento das suas ideias sob a forma do combate.

O carácter alegórico e poético de quase todos os textos de Nietzsche visa (ainda que inconscientemente) ultrapassar essa limitação, uma limitação que não é dele, mas que lhe é absolutamente exterior. Porque, como muito bem mostrou, muito tempo depois, Derrida, não é possível pensar na exterioridade absoluta da metafísica. Por conseguinte, muito do que em Nietzsche pode parecer ingênuo, metafísico ou poético, é uma autêntica estratégia do seu génio para – pelo menos – tocar aquilo que não podia pensar. Com Nietzsche, não estamos já no interior da filosofia, ideia que se poderia exaustivamente justificar com as múltiplas passagens em que Nietzsche fala da filosofia como, por exemplo, aquela em que afirma que “O filósofo é precisamente, o mais exposto a enganar-se quanto à natureza do conhecimento” (*A Gaia Ciência* § 333).

A escrita fragmentar faz, igualmente, parte desta estratégia. Através dela, tenta Nietzsche escapar ao domínio da metafísica por meio da rejeição da lógica da exposição sistemática que não é outra coisa do que uma forma de representação do ser ao nível da expressão. O fragmento dilui a lógica sequencial teleologicamente orientada, possibilitando um pensamento mais exploratório, uma espécie de guerrilha contra a metafísica.

Um outro aspecto que será importante sublinhar refere-se à ligação especificamente teórica entre os vários temas do pensamento de Nietzsche. Uma tal ligação constitui algo de profundamente suspeito, pelo menos se se seguir o modo comum como o faz a filosofia, isto é, de acordo com um princípio de coerência que não é mais do que uma aplicação da lógica da identidade.

A leitura do livro de Colli, se não nos coloca deliberadamente perante este tipo de problemas, constitui, no entanto, uma abertura a esse imenso laboratório de pensamento que foi a vida/obra de Nietzsche. Lê-lo, compreendê-lo na sua simplicidade e complexidade simultâneas, pode ser um bom meio de, neste nosso tão teoricamente

triste presente, celebrar esse homem que há cem anos morreu, sabendo, no entanto, que nos tinha legado uma das maiores lições de leitura de toda a História.